

Citibank avalia que negociação pode resultar em investimentos

por Roberto Baraldi
de São Paulo

A normalização do relacionamento entre o Brasil e seus credores internacionais resultará em novas alternativas de injeção de recursos na economia brasileira, principalmente através da conversão de dívida, envolvendo dinheiro de terceiros e intermediado por bancos estrangeiros ou até mesmo ativos dos próprios bancos.

A avaliação é do presidente e representante legal do Citibank no Brasil, Antonio Boralli, para quem o futuro governo aponta na direção certa em relação à dívida externa. "As idéias e a visão do futuro presidente são corretas, têm consistência e deixam uma expectativa positiva", afirmou Boralli.

O primeiro passo para a reativação do fluxo de recursos é, em sua opinião, a normalização do relacionamento com os credores, que Boralli define como a soma de duas medidas: o equacionamento dos compromissos existentes e não cumpridos e, também, a concordância e efetivo cumprimento dos termos de acordo a ser firmado com os credores. "A normalização é muito importante, porque facilita decisões posteriores e fará com que os bancos olhem com atenção a possibilidade de participação em programas com ativos próprios", disse Boralli, acrescentando que o próprio Citibank trabalha desde 1988 com as perspectivas de converter US\$ 500 milhões de dívida em capital de risco no prazo de cinco anos. A instituição já converteu US\$ 80 milhões.

Uma das sinalizações de que o País procura a normalização seria, segundo o presidente do Citibank, o pagamento de parcela de juros relativa a dinheiro novo, no valor de US\$ 230 milhões, vencida em novembro último. Essa sugestão foi feita ao presidente eleito Fernando Collor de Mello pelo próprio "chairman" do banco, John Reed, em sua última visita ao Brasil.

CONVERSÃO E PRIVATIZAÇÃO

Boralli está confiante nas perspectivas de negociação entre os credores e o futuro governo. Para ele, deve ser aceita como premissa básica pelas partes a existência da dívida e a predisposição de honrá-la. Desse entendimento inicial decorrerão as concessões dos bancos credores e sua flexibilidade no trato de dificuldades que o País enfrenta no caminho.

A predisposição à negociação ajudará, inclusive, a compatibilizar os interesses e alternativas dos diversos bancos credores, que estão à espera de US\$ 5,4 bilhões relativos a juros em atraso. Os credores têm distintas expectativas

em relação ao risco Brasil, dependendo de seu grau de exposição, dimensão dos negócios no País e até mesmo do índice de provisões que tenham lançado em seus balanços.

Para equacionar definitivamente o problema da dívida externa, Boralli espera que o próximo governo não tenha preconceitos quanto às alternativas de acordo, particularmente quanto à conversão da dívida em capital de risco. Segundo o presidente do Citibank, a conversão realizada ao longo de 1988 — que foi suspensa sob a justificativa de que pressionava a base monetária — teve, na realidade, efeito negligenciável sobre a base mone-

tária, se for contemplada no conjunto dos fatores de pressão. Além disso, conforme sua avaliação, a política monetária pode controlar eventuais efeitos expansionistas.

Boralli destacou que o governo deve analisar a montagem de operações de privatização através de recursos obtidos via conversão de dívida. Essas operações, por não colocar dinheiro no mercado, mas nos cofres do governo, podem ter efeito contracionista da base monetária, pois gera recursos para que o governo, se quiser, recompre seus títulos em poder do público, enxugando a economia.